

O PROJETO COLUMBIA NA BAHIA: CONFLUÊNCIAS CONVERGENTES E COMPLEMENTARES AO SEU CONTEXTO NACIONAL/INTERNACIONAL

Lívia Diana Rocha Magalhães – UESB¹

RESUMO

No presente texto tomamos como base discussões que consideram que o Programa de pesquisas entre a Bahia e a Universidade Columbia, que recorre à antropologia de origem norte-americana para o estudo de áreas e comunidades baianas consideradas progressistas ou tradicionais, visando o planejamento educacional e de saúde pública sob a direção do professor Anísio Teixeira, que de certa forma reúne pesquisadores e homens de Estado experientes que se afinam com os esquemas de cooperação internacional estabelecidos nos pós-guerras mundiais, por meio de intervenções políticas e diplomáticas dos Estados Unidos na América Latina, no Brasil. Nessa perspectiva, argumentamos que pesquisadores e representantes do estado brasileiro e norte-americano não estão isentos desse propósito. Assim, sendo, há desdobramentos históricos e institucionais do programa Bahia e Columbia que indicam a capacidade do projeto em integrar-se, convergir-se ou desdobrar-se em projetos afins que garantem uma rede de cooperação em movimento com finalidades próximas, comuns, muito embora diferenciadas, mas que visam diretrizes para um diagnóstico elaborado sobre os rumos da economia e da sociedade baiana, brasileira, à luz das necessidades daquele momento histórico.

Palavras-Chave: Projeto Columbia; Bahia; Políticas; Pós-guerras mundiais.

COLUMBIA PROJECT IN BAHIA: CONSENSUS CONVERGENT AND ADDITIONAL CONTEXT TO YOUR NATIONAL / INTERNATIONAL

ABSTRACT:

In this paper we take as a basis to believe that the discussions research program between Bahia and Columbia University, who takes the anthropology of North American origin for the study areas and bahian communities considered progressive or traditional, targeting educational planning and public health under the direction of Professor Teixeira somehow brings together researchers and men State experienced that tune with the cooperation schemes International established in the post-world wars, through political and diplomatic intervention of the United States in America America, in Brazil. In this perspective, we argue that researchers and representatives of the Brazilian state and the U.S. are not exempt from this purpose. So, being there historical developments and institutional and program Bahia Columbia indicate that the ability project to integrate into, or converge to unfold in projects similar indicating that there is a cooperation network with movement next purposes, common, although different but guidelines aim to elaborate a diagnosis about the direction of the economy and society in Bahia, Brazil, in the light of the needs of that historical moment.

Keywords: Columbia Project; Bahia; Policies; Postwar world

Difícilmente podemos avaliar o Projeto: “pesquisa social sobre a vida social no Estado da Bahia”, que foi realizada em cooperação com o Departamento de Antropologia da Universidade de Columbia, fora do contexto nacional e internacional que rodeou os pós-guerras mundiais e a criação de uma gama considerável de organismos de planejamento que possibilitassem, em tese, a integração de valores culturais, sociais e econômicos como primados comuns para implementação de atitudes sociais favoráveis ao desenvolvimento nacional/internacional capitalista.

Isso não significa que, de fato, esses projetos tenham sido operacionalizados em termos de políticas concretas, efetivas para as quais foram almejados, mas, tudo indica que traçarão diretrizes para um diagnóstico elaborado sobre os rumos da economia e da sociedade à luz das necessidades do sistema econômico-político maior (MAGALHÃES, 2012).

Estamos levando em conta as discussões de que o referido programa formado por uma rede de representantes do estado brasileiro e norte-americano, coordenadores brasileiros e estadunidenses, nos remete a uma experiência histórica que se afina com o contexto do pós-segunda guerra mundial, naturalmente guardadas as suas devidas especificidades. O programa de pesquisas entre a Bahia e a Universidade Columbia – New York é idealizado pelo então Secretário de Educação e Saúde da Bahia, professor Anísio Teixeira, que, por sua vez, convida o professor Charles Wagley, antropólogo da mencionada Universidade para preparar o projeto. Com a contribuição de Eduardo Galvão, etnólogo do museu nacional do Rio de Janeiro o anteprojeto da pesquisa é organizado (WAGLEY, AZEVEDO, COSTA PINTO, 1950).

Segundo Chor Maio, Donald Pearson foi um dos primeiros convidados do então Secretário de Educação e Saúde da Bahia, Anísio Teixeira, para realizar os estudos de comunidade na Bahia. Porém “Diante da impossibilidade de Pierson vir a participar de imediato da pesquisa, foram realizadas articulações com Charles Wagley, por sugestão de Gizella Valladares, sua ex-aluna no curso de pós-graduação em antropologia na Universidade de Columbia” (MAIO, 2009, p.259).

O Projeto Colúmbia, inicialmente, foi administrado por três coordenadores, um da Universidade de Colúmbia, o professor Charles Wagley; outro, o professor Thales de Azevedo (da Universidade da Bahia) e o terceiro foi o professor Costa Pinto (da Universidade do Brasil). O professor Charles Wagley, traz consigo três estudantes de doutorado, seus orientandos: Marvin Harris, W.H. Hutchinson e Bem Zimmerman que passam a atuar nos estudos de comunidade com o auxílio de estudantes brasileiros. Na Região da Chapada Diamantina foram selecionadas as cidades de Rio de Contas e Nossa Senhora do Livramento, a serem trabalhadas por Marvin Harris e seus auxiliares: Josildeth Gomes Consorte, Maria Raimunda Guerra de Macedo e um aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade do Brasil, Nilo Garcia, que procederam ao levantamento de dados durante os meses de dezembro de 1950 a fevereiro de 1951 (CONSORTE, 2005).

O projeto e o contexto geopolítico da II Guerra Mundial

O fato é que esquemas de cooperação entre instituições públicas e programas de cooperação internacional entre America Latina e os Estados Unidos, associados a um

projeto de apoio para o desenvolvimento regional e nacional mais rápido, é bastante evidente nos anos pós- guerras, particularmente depois da II guerra mundial.

As pesquisas antropológicas que estavam sendo realizadas no Brasil, sobretudo por meio do Museu Nacional, desde os anos de 1930, até por volta de 1942, passam também a interessar ao ISA - Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian Institution* (SI). Segundo o seu diretor, Julian Steward (1942), por ocasião de sua visita ao Brasil com essa finalidade:

Além de conhecer representantes de instituições brasileiras com vistas a instalar um escritório do ISA em uma delas, também almejava entrar em contato direto com autoridades acadêmicas para tratar da sua participação no *Handbook of South American Indians*. Em Belém, encontrou Curt Nimuendaju, que trabalhava como colaborador de Robert Lowie com recursos do Instituto de Pesquisa Social da Universidade da Califórnia, em Berkeley, desde 1932. Steward adquiriu, com recursos da Rockefeller Foundation, o famoso mapa etno-histórico produzido pelo etnógrafo alemão naturalizado brasileiro. Também encontrou Charles Wagley, juntamente com aqueles que Steward considerou os seus colaboradores brasileiros em pesquisa de campo no Pará, entre eles Eduardo Galvão, que mais tarde iria estudar com Wagley e Steward na Universidade de Columbia. No Rio de Janeiro, teve encontros de trabalho com Heloisa Alberto Torres, Artur Ramos e Roquette Pinto. Em São Paulo, esteve com Donald Pierson, Herbert Baldus e Radcliffe-Brown. (In: FAULHABER, p 4, 2011).

Em 1945 é realizado um acordo de cooperação entre a Escola de Sociologia Política de São Paulo que estava sendo dirigida por Donald Pierson. Conforme a opinião de David H. Price,

[...] as pesquisas de campo do Instituto de Antropologia Social tiveram pouco impacto no planejamento e na política da guerra. Porém, foram importantes para estabelecer relações de trabalho com instituições na América Latina e os trabalhos dos antropólogos que participaram no projeto contribuíram para a crescente pesquisa sobre pobreza, subdesenvolvimento e as culturas tradicionais que experimentaram um auge no Pós-Guerra (In: ROBICHAUX, 2009, p. 49).

Por sua vez, há de se registrar que em 1946, Julian Huxley, Diretor da UNESCO, convidou Anísio Teixeira para colaborar com a UNESCO, como Assessor de Educação Superior. Naquele momento as orientações da Organização Educativa, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO), diagnosticava que a solução dos problemas brasileiros passaria, efetivamente, pela análise das reais condições regionais e nacionais do país (BRANDÃO, 1996, p. 18).

Como pode ser visto, pesquisadores experientes da área da antropologia e/ou da administração pública comparecem na organização, desenvolvimento e/ou colaboração e, certamente, o mesmo dificilmente pode ser pensado fora desse conjunto de considerações.

Para Santa Rosa (1993), inclusive, esse projeto é uma evidência clara da hegemonia norte-americana após a Segunda Guerra Mundial sobre regiões geopoliticamente estratégicas, quando menciona que embora o projeto do programa tivesse sido elaborado em 1949, suas bases foram traçadas anteriormente, apresentando a entrevista que Wagley (1983) concedeu ao professor José Carlos Sebe (1987), segundo o qual:

Com a guerra, a academia americana começou a perceber que não cumpria seu papel. Por volta de 48, 48/49, os Estados Unidos perceberam que só havia pouco conhecimento de Rússia, China e Índia. Foi em 49 que o social Science Research Council criou um comitê de estudos de área (Área Studies Yes), e uma dessas regiões era a América Latina onde o país mais visado era o Brasil. (SANTA ROSA, apud SEBE, 1993, p. 149).

Na verdade, as interpretações sobre o colonialismo estadunidense no Brasil, sobretudo nesse momento histórico, se evidenciavam constantemente. E não é incomum inclusive nos registros da imprensa baiana. Encontramos, por exemplo, reportagens no jornal baiano “*O Momento*” entre maio e julho de 1949, um periódico considerado de esquerda, que criticando veementemente o então secretário Anísio Teixeira, acusa-o de facilitar o colonialismo dos Estados Unidos no Brasil. Além disso, também são encontradas matérias no jornal *O Momento* em março de 1950 que critica a associação cultural Brasil-Estados Unidos na Bahia considerando que essa “Fundação é um dos muitos organismos filantrópicos que os trustes mantêm.” (O MOMENTO, 1950, p.5). Notícias sobre bolsa de estudos oferecida pelo governo estadunidense para brasileiros também são bastante veiculadas no jornal. Já outro jornal baiano “*A Tarde*” entre janeiro e março de 1950, que informa em tom alviçareiro que “o governo daquela nação (EUA) pagará as despesas de viagem, em alguns casos, em outro somente a manutenção dos estudantes ou todas as despesas” (A TARDE, 1950, p.2) e informa que para obter informações os interessados deveriam procurar o consulado americano em Salvador.

Portanto, o projeto Columbia que toma como base a antropologia de origem norte-americana toma como prospecção de que seria possível explorar vias possíveis e desejáveis de desenvolvimento, por meio da organização de pesquisas que diagnosticasse e previsse as variantes que dificultavam ou possibilitavam a coesão nacional em seu plano regional e internacional, dentro das bases traçadas pela geopolítica estabelecida.

O PROJETO COLUMBIA: seu objeto, objetivos e resultados.

O projeto Columbia visava adquirir primariamente o “conhecimento da sociedade e da cultura dos habitantes da região rural da Bahia e uma compreensão da dinâmica das mudanças de cultura” (AZEVEDO apud WAGLEY, AZEVEDO, COSTA PINTO, 1950, p. 74), para “coligir dados em que se fundassem projetos racionais de educação, saúde, administração pública” (AZEVEDO apud WAGLEY, AZEVEDO, COSTA PINTO, 1950, p. 74).

A propósito, cabe-nos lembrar que não é estranho que projeto Columbia tenha sido catalisado pelos estudos de comunidades. Como é sabido, Anísio Teixeira tinha como mentor intelectual Jonh Dewey (1971), que, por sua vez, se apoiava em Karl Mannheim (1950; 1972), que partia do princípio de que as sociedades arcaicas poderiam avançar para uma sociedade moderna, por meio da “mudança social provocada”, ou seja, por meio de ações conscientes que visassem as modificações dos processos sociais, sem violação das “forças espontâneas da sociedade” que sustentava os processos histórico-sociais. E o conceito de “Comunidade” seria, pois, um conceito descritivo capaz de oferecer visibilidade e possibilidade de operacionalização prática dentro dessa realidade, tendo como base em seus recursos formas de organizada econômica e política e características culturais próprias.

Assim, o planejamento deveria ser precedido do conhecimento sobre a cultura dos grupos humanos, por meio da ação consciente do investigador sobre essa realidade. No caso caberia ao “antropologista através do estudo de comunidades consideradas típicas em cada região determinarem os elementos básicos de sua cultura e ao engenheiro social aplicar seus conhecimentos” (AZEVEDO apud WAGLEY, AZEVEDO, COSTA PINTO, 1950, p.88).

A suposta dicotomia entre o tradicional e o moderno no seio desta tradição teórica acabou implicando na ideia de que a sobrevivência de formas atrasadas de exploração econômica poderia ser modificada caso se perseguisse o planejamento do modelo alcançado pelas regiões e países desenvolvidos.

Nessa perspectiva, mais do que aparenta, o objetivo do programa não esgota, mas de fato evidencia o propósito de Anísio Teixeira de integrar a Bahia às finalidades das sociedades ditas modernas, por meio do entendimento de suas antinomias e da intervenção planejada, e como destaca Rosa (1993) não há como desconsiderar o papel privilegiado que a elite política esclarecida assume nessa relação.

Assim, o desenvolvimento regional aparece dentro de um propósito de correlação estrutural, interdependente entre plano político-econômico nacional, regional e social, de saúde e educação do Estado, a partir da consideração de que um programa observe as condições de uma dada sociedade e regiões em suas comunidades específicas. O equilíbrio entre rural e urbano dependeria da relação entre educação e interesses sociais.

Nessa perspectiva, o estudo da cultura e do estágio econômico alcançado em cada região do Estado serviria de base para o entendimento de seus desníveis de desenvolvimento e, a princípio, a apresentação de políticas concretas delimitadas a partir do diagnóstico realizado em cada uma delas. Aliás, poderíamos dizer que o programa segue a linha adotada por Wagley quando ressalta que o papel da antropologia naquele momento “deveria estudar áreas e países por razões ‘teóricas e práticas’, revelando na verdade que a teoria e a prática da antropologia haviam sido profundamente influenciadas pelas razões estratégicas dos Estados Unidos surgidas no contexto da guerra, propiciando este novo campo de estudo para a disciplina” (ROBICHAUX, 2009, p.46).

O programa e seus desdobramentos

As várias regiões escolhidas para o estudo na Bahia, o Recôncavo, o Sertão do Nordeste, a Floresta do Sul, o Planalto Central da Bahia, o Planalto do São Francisco e o

Planalto Ocidental, foram representadas por comunidades que apresentavam reações mais tradicionais ou mais progressistas. Seguindo este plano, a cidade de Rio de Contas foi considerada como uma comunidade tradicional no Planalto Central e como comunidades progressistas na mesma zona, a cidade de Livramento do Brumado. No Sertão do Nordeste a cidade de Monte Santo, considerada de cultura tradicional e a cidade de Euclides da Cunha como progressista. Na Zona do Recôncavo a comunidade de São Francisco do Conde acaba sendo considerada “tradicional-progressista”.

É muito difícil deduzir quais foram os resultados produzidos pela pesquisa na realidade concreta baiana, em termos de condições para a realização do planejamento educação e saúde na Bahia, mesmo porque antes mesmo da conclusão final da pesquisa, o secretário de educação, o professor Anísio Teixeira, pede demissão e assume outra instância educacional brasileira.]

Mas, o mesmo não se pode dizer dos desdobramentos do programa. Primeiro, é um programa que logo no seu desenvolvimento desperta interesse da UNESCO para associá-lo ao projeto sobre relações raciais (1950) aparecendo com uma das associações mais claras entre o propósito do programa e as articulações em torno de demandas do pós-guerra. Como destaca Maio (1999):

A "opção Brasil" guarda íntima relação com o contexto internacional da época. Após os resultados catastróficos da Segunda Guerra Mundial, a UNESCO foi criada tendo como um de seus principais objetivos tornar inteligível o conflito internacional e sua consequência mais perversa, o Holocausto. A persistência do racismo, especialmente nos EUA e África do Sul, o surgimento da Guerra Fria e o processo de descolonização africana e asiática mantiveram a atualidade da questão racial. A UNESCO, em perspectiva igualitária e universalista, estimulou a produção de conhecimento científico a respeito do racismo, abordando as motivações, os efeitos e as possíveis formas de superação do fenômeno (p.2).

Do encontro desses dois projetos, decorre uma produção acadêmica considerável, entre elas a coletânea de ensaios, resultantes de pesquisas de campos etnográficas, realizadas por Marvin Harris, W.H. Hutchinson e Ben Zimermann, na Chapada Diamantina, no Recôncavo e no sertão da Bahia, orientadas e publicadas sob a organização de Charles Wagley em *Race et classe dans le Brésil rural* (WAGLEY, 1955). E de certo modo, poderíamos generalizar a afirmação de Guimarães (2004) quando comenta a conclusão de Wagley sobre esses estudos considerando que “a qualidade dessas monografias e a agudeza da observação etnográfica de seus autores documentam as tensões raciais e a sutileza dos mecanismos discriminatórios em jogo nessas comunidades [...]” (p.4).

Além disso, o programa Columbia de fato segue desdobrando-se e possivelmente seja concretizado dentro do INPE, com a criação do Centro Brasileiro e os Centros regionais de Pesquisa, em 1956. Este centro, de certo modo, absorve quadros formados durante o projeto Columbia e lhe dá continuidade ou amplia seu raio de ação, visando “pesquisas das condições culturais e escolares e das tendências de desenvolvimento de

cada região e da sociedade brasileira como um todo, para o efeito de conseguir-se a elaboração gradual de uma política educacional para o País” (CBPE, BOLETIM, 1956, s/p).

Mas também não é possível dissociar outros aparatos de continuidade do programa por meio das relações entre Brasil e Estados Unidos. Por exemplo, a criação Fundação do Instituto de Estudos Latinos Americanos de Columbia em 1958, sob a direção de Wagley e em seguida, nos anos 1960, a criação do departamento de Estado da Fundação Carnegie que criou centros dirigidos de estudos financiados para a redimensão da geopolítica educacional na América Latina, cabendo a Wagley na Universidade de Columbia, os estudos sobre o Brasil. A participação do mesmo nos acordos MEC/USAID, etc. (ROSA, 1993).

De certo modo, não é novidade encontrar estudos que revelam a preocupação (estudos sistemáticos ou pesquisas incentivadas por organismos prestigiosos) com a ameaça comunista no contexto da guerra fria, como exemplo emblemático “um texto de Wagley sobre a cultura latino-americana que foi preparado em 1953 como documento interno do Departamento de Estado, destinado à formação do pessoal do serviço diplomático norte-americano enviado à América Latina” (ROBICHAUX, 2009, p.53).

Mas, parece-nos conveniente considerar que a influência da pesquisa sobre o processo educacional propriamente dito, isto é, sobre o que realmente aconteceu nas escolas, não comparece diretamente no Estado ou nas comunidades estudadas. Inclusive os estudos raciais e étnicos são praticamente desconsiderados pela área de educação, só reaparecendo por volta da década de 1990 do século XX. Na História da Educação não é diferente. Somente recentemente há menções, ainda sutis, sobre o programa, quando, por exemplo, o tema refere-se a estudos sobre a administração de Anísio Teixeira.

Embora não seja possível considerar que tenha havido resultados concretos que contribuíram para as regiões estudadas, por meio do programa e seus desdobramentos, ocorreu a formação e aperfeiçoamento de pesquisadores nas áreas mencionadas. Quem contribui com essa observação é o próprio Wagley, quando afirma que: “[...] os resultados do projeto Bahia-Columbia foram um acúmulo de informações sobre a comunidade baiana, sobretudo a produção de um pessoal bem treinado, tanto de estadunidenses como de brasileiros.” (WAGLEY apud ROSA, 1993, p. 38).

A partir dos anos de 1964, possivelmente o foco de atenção será a educação como investimento. A visão da educação como utilidade prática e sua relação com a formação de mão de obra para o chamado desenvolvimento e peculiaridades regionais, atendimento à comunidade, parecem não deixar de se sustentar nos estudos mencionados, mas agora os estudos serão rápidos para pronta utilização, distanciando-se das formulações anteriores, quanto a estudos sistemáticos e rigorosamente conduzidas, com capacidades instaladas, como ocorrera na gestão de Anísio Teixeira na Bahia e no INEP.

Assim sendo, se não há como desprezar os estudos realizados, suas contribuições científicas e políticas, não há também como afastá-los da perspectiva de seu uso, num dado momento histórico que busca em conceitos como os de “estudos de comunidades” recurso para análise de caráter microssocial da realidade, mediante elementos descritivos e explicativos a perguntas previamente formuladas, no caso, sobre o suposto atraso de

determinadas regiões baianas em relação a outras, mantendo o “modo de produção” em que estão inseridas.

Retomando o texto no seu início, o objetivo do programa dificilmente poderia ser dissociado, mesmo considerando suas especificidades, da produção de uma ciência e de projetos políticos que supunha uma matriz liberal de condições ampliadas para a confluência entre homens de Estado e de Ciência de políticas estatais equalizadoras de relações nacional/internacional.

Referências.

A TARDE. Salvador-BA, agosto de 1949 (jornal).

_____. Salvador-BA, março de 1950 (jornal).

BRANDÃO, Zaia et al. O esquecimento de um livro: tentativa desconstituição de uma tradição intelectual no campo educacional. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 3, p. 18-30, set./dez, 1996.

CBPE - Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Os estudos e as pesquisas educacionais no Ministério da Educação e Cultura In: **Educação e Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 5-60, mar. 1956.

CONSORTE, Josildeth Gomes. Itinerário de uma Pesquisadora: Sucessos e Percalços. In: MAGALHÃES, Livia Diana Rocha e CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos (Org.). **Memória e Trajetória de Pesquisa**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2005, p.56-72.

DEWEY, John. **Vida e educação**. 7 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

FAULHABER, P. O Instituto de Antropologia Social (EUA, Brasil e México): um artefato da resposta antropológica ao "esforço de guerra" In: **Revista Mana** vol.17 no.1 Rio de Janeiro, 2011.

GUIMARÃES, A.S.A. O Projeto UNESCO na Bahia. In: **Anais...** Colóquio Internacional “O projeto UNESCO no Brasil: uma volta crítica ao campo 50 anos depois”. Salvador-BA: Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, julho, 2004.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. O Projeto Columbia e o planejamento educacional na Bahia no final dos anos 40 e no início de 1950. In: CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha.; LOMBARDI, José Claudinei. **Projeto Columbia: Anísio Teixeira e o desenvolvimento nacional**. Campinas-SP: Alínea, 2013.

MAIO, M. C. O projeto Columbia e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.14 n.41 São Paulo, Out, 1999.

MANNHEIM, Karl. **Freedom, power and democratic planning**. New York, 1950.

_____.; STEWART, W.A.C. **Introdução a sociologia da educação**. São Paulo: Cultrix, 1972.

O MOMENTO. Salvador-BA, maio a julho de 1949 (jornal).

ROBICHAUXP, D. Noção de uma cultura Latino-Americana da antropologia norte-americana e os estudos de família: uma conspiração contra a diversidade. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n. 51, p. 31-67, jul./dez. 2009.

ROSA, S.R.T.F. A aliança e a diferença: uma leitura do itinerário intelectual de Charles Wagley. **Dissertação de Mestrado**, IFCH, Campinas, 1993.

SEBE,,B.M. J.C. “Visita ao velho senhor:Charles Wagley”. In: **Revista da USP**. n 5, junho,1987.

WAGLEY, C. AZEVEDO, Thales de.; COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. **Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia**. Publicações do Museu do Estado nº 11, Secretaria de Educação e Saúde Bahia, Brasil, 1950.

WAGLEY, C. Estudos de comunidades no Brasil sob perspectiva nacional. **Revista Brasileira dos Municípios**; 1955. Ano VIII. Nº 31.

Notas

¹ Doutora em Educação pela UNICAMP (1999), com pós-doutorado em psicologia social pela UERJ e estágio na Universidad Complutense de Madri (UCM). Professora plena do DFCH da UESB. Coordenadora Geral do Museu Pedagógico da UESB e do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Memória: Linguagem e Sociedade. Irochamagalhaes@gmail.com

Recebido em nov/2013

Aprovado em nov/2013